

Distopia das bets



Por LARA FERREIRA LORENZONI & MARCELO SIANO LIMA*

A aposta, a jogatina, foi o que nos restou em um capitalismo cada vez mais plataformizado e financeirizado

1.

A aclamada série *Round 6* retorna aos holofotes em nova temporada e, mais uma vez, chama a atenção como uma espécie de espelho grotesco e repulsivo da realidade. O enredo é marcado por violência explícita, atitudes desesperadas, luta por sobrevivência e apostas mortais. Em suma, é colocado às escâncaras o hipotético estado de natureza hobbesiano em uma versão pós-moderna e aterrorizante.

Protagonizada por jogadores, todos altamente empobrecidos, endividados e praticamente sem chance de sobrevivência material no mundo das trocas intermediadas pelo capital, a trama se desenvolve em torno do personagem Seong Gi-hun. Ele, o Jogador 456, é a síntese do “perdedor” na racionalidade neoliberal: desempregado, pobre, com uma vida familiar arrasada e um elevado débito perante diversos agiotas. Isto é, um dispêndio, um déficit produtivo. Um descartável.

Sua última chance para se redimir: servir de peça de tabuleiro contra outros na mesma situação em jogos letais para o deleite de um seletí grupo de pagantes/espectadores. Quem sabe assim consiga o grande prêmio final em dinheiro, que se acumula cada vez mais com a morte (física e literal) de cada um dos participantes.

Os eliminados do jogo, vale esclarecer, pagam com a própria vida. A propósito, a morte, aqui, não é tratada com qualquer cerimônia. O mal banal, conforme se verifica em qualquer campo de concentração, é gritante. Os “funcionários”, ou “soldados” encarregados de dar prosseguimento aos trâmites da sinistra competição perpetuam assassinatos e fazem o recolhimento de corpos com a naturalidade de quem bebe um copo d’água. E não poderia ser diferente, pois o recado latente é muito nítido: “Estamos fazendo um favor à sociedade ao retirar estes miseráveis imundos de circulação”. É, mais uma vez, a arte representando a dura concretude do mundo material.

Há muito, já se sabe que o sistema de produção e reprodução da mercadoria e da vida hoje dominante gera excedentes – tanto mercadológicos quanto humanos. Isso tem por consequência nefasta a descartabilidade. No capitalismo de plataforma da atual quadra histórica e no jogo tétrico de *Round 6*, jaz uma guerra contínua com a morte em massa por meio do caráter supérfluo da humanidade que organiza o fenômeno da “vida nua” – vida politicamente desqualificada e matável. Os matáveis são colocados como peões na mesa para combaterem entre si, numa lógica bélica e binária de matar ou morrer.

É a brutalidade de um estado de natureza hobbesianamente encenado, em que todos são potenciais inimigos e o afeto prevalente é o medo da morte violenta. Algo não muito distante de uma realidade em que já não há cidadãos ou classe

a terra é redonda

trabalhadora organizada. Todos são mônadas, empresas individuais (“empreendedores de si”), portanto, concorrentes. E a concorrência, como se sabe, precisa ser anulada.

Na série, o extermínio impassível, a frieza diante da barbárie, o egoísmo e a trapaça são a todo o tempo incentivados e premiados. Mais do que isso, são condição *sine qua non* à autopreservação. Depois, isso é apresentado como uma fatalidade: os homens, dada a sua competitividade e individualismo natos, estariam fadados a se devorar. É a derradeira aposta do “dono da bola”, o jogador 001, nas cenas finais da primeira temporada. É a conclusão cínica utilizada há séculos para justificar uma sucessão de violações a direitos e garantias fundamentais em relação aos mais vulneráveis.

2.

Aliás, voltando-se a Thomas Hobbes, cabe aqui um parênteses na forma de questionamento: o filósofo inglês, no século XVII, ao sintetizar em sua obra um comportamento cruel e cheio de animosidade para com o outro, estaria de fato deduzindo uma metafísica “natureza humana”, ou descrevendo a guerra e o canibalismo político que testemunhava na elevação da civilização moderna europeia? Noutros termos: a compulsão por destruir o outro seria uma essência inata cujo controle nos escapa, ou uma invocação social ao estado de exceção permanente? A ver.

No campo criminológico crítico, já se tratou do que teria sido o chamado giro punitivo para dar conta do novo plano habitacional da miséria no neoliberalismo - a prisão-pena, com o fenômeno do hiperencarceramento. Acontece que, no capitalismo pós-industrial, principalmente em sua periferia, não se pretende mais moldar corpos dóceis para o trabalho, algo que se encontra em franca extinção. A riqueza tornou-se autopoietica, o capital multiplica o capital. Não se faz mais necessário que o ser humano, como peça de produtividade, seja preservado, sofra “manutenções” em atenção à otimização e ao lucro. Em vez de um exército industrial de reserva, jaz um contingente financeirial de miséria.

Não por acaso, vivenciamos a distopia das *bets*: tal como em *Round 6*, a apostila, a jogatina, foi o que nos restou em um capitalismo cada vez mais plataformizado e financeirizado. Nele, o mundo do trabalho passa por uma verdadeira destruição de todos os paradigmas sobre os quais se estruturou desde o século XIX, e o motor da economia desloca-se da produção para o rentismo, ceifando plantas produtivas.

Isso gera cada vez mais subempregados, precarizados, desempregados, desalentados e matáveis. As estruturas de emprego e de seguridade social se tornaram líquidas. Ao indivíduo, resta a luta pela sobrevivência, submetendo-se a uma realidade de exploração dantesca, ou ao simples apagamento social do seu corpo, do seu ser.

O Brasil é um país que cultua firmes laços com uma estrutura autoritária e excludente ancestral, em que a modernidade é sempre tardia. Nosso Estado de Bem-Estar Social, normativamente, nasceu com a Constituição de 1988, no exato momento em que a gramática neoliberal se afirmava por todo o planeta, destroçando quaisquer traços de igualdade e de reconhecimento de direitos individuais e coletivos. Com a crise institucional iniciada em 2013, agravada pelo golpe parlamentar de 2016, o Estado brasileiro se moveu para a posição de agente promotor de toda a desestruturação do que a Constituição havia erigido.

A classe trabalhadora brasileira, que se fortalecera nas lutas sindicais do período da redemocratização na década de 1970, perdeu suas referências mais elementares. Nesse panorama, avançaram, com força titânica, tanto a subjetividade quanto o credo neoliberal, edulcorando o empreendedorismo e a meritocracia, apresentados como soluções modernas e sofisticadas no enfrentamento aos desafios contemporâneos. Esses princípios criaram raízes em um imaginário social conturbado pelas crises e amedrontado pela miséria e perda do poder aquisitivo. Como em *Round 6*, o indivíduo luta, com todos os meios

a terra é redonda

disponíveis, para manter-se em um jogo que dele prescinde cada vez mais.

As profundas mudanças que experimentamos têm conferido à atual conjuntura um caráter dramático e singular. O jogo é cruel, e as *bets*, as empresas de aposta, vão se impondo como uma miragem do próprio Éden, um oásis, uma solução rápida ao alcance dos dedos em meio a um cotidiano desértico e massacrante. Os alvos, como na série sul-coreana, são os seres indesejáveis, cuja vida é dispensável, é cancelável, em um planeta que não comporta condições de dignidade humana para toda a população.

Nesse cenário, partir para o “tudo ou nada”, dispor da própria vida - biológica e/ou simbólica -, colocar os últimos recursos materiais de garantia da própria existência em risco já não parece algo tão absurdo, dada a irracionalidade suprema na qual se esteia a civilização dos cassinos algorítmicos. É verdade que nunca se apostou tanto. Também nunca se pagou tanto para morrer. Romper com esse ciclo de horror requer coragem e obra coletiva. Para isso, primeiramente, necessário retornar às primeiras lições de política, ao entendimento da vida como experiência partilhada, em comunidade, enfim e mais uma vez, à condição humana da pluralidade.

***Lara Ferreira Lorenzoni**, advogada, é doutora em Direitos e Garantias Fundamentais pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV).

***Marcelo Siano Lima**, historiador, é doutorando em Direitos e Garantias Fundamentais pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)